

Mitologia Egípcia



Escola Básica Paulo da Gama

Amora, novembro de 2014

Trabalho realizado por Rui Pedro nº25 turma
7ºe no Âmbito da disciplina de Tecnologia de
informação e comunicação sob a orientação do
professor Sérgio Heleno

Mitologia Egípcia

Escola Básica Paulo da Gama

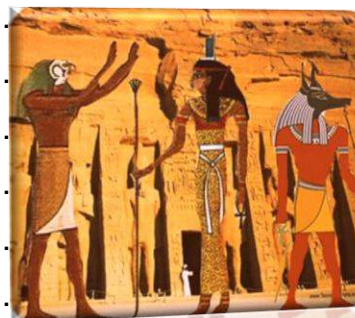
Amora, novembro de 2014

Trabalho realizado por Rui Pedro nº25 turma
7ºe no Âmbito da disciplina de Tecnologia de
informação e comunicação sob a orientação do
professor Sérgio Heleno

Índice

Conteúdo

1. introdução.....	3
2. O que é a mitologia Egípcia.....	4
3. A Enéade de Heliópolis.....	5
4. Ogdoáde de Hermópolis.....	6
5. Princípios cósmicos.....	8
6. Neteru primordiais.....	9
7. Neteru geradores.....	8
8. Neteru da primeira geração.....	9
9. Outros neterus.....	12
10. Animais sagrados.....	12
11. Humanos deificados.....	12
12. Conceitos e elementos.....	12



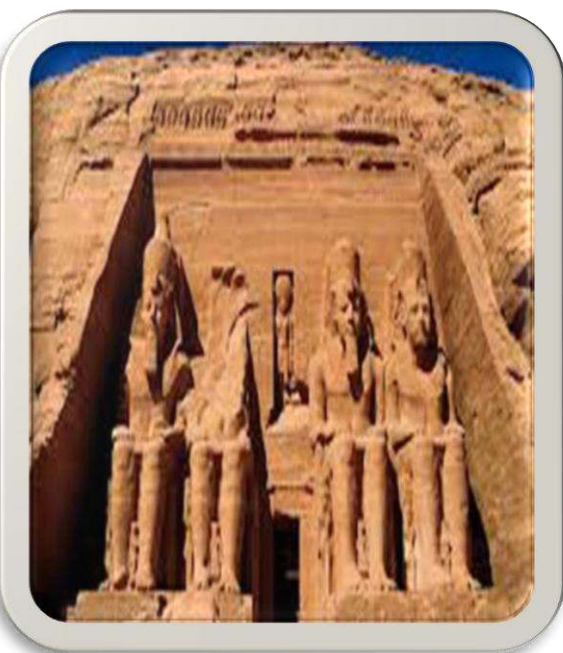
1. introdução

Este trabalho surgiu no âmbito da disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) com a finalidade de aprender a utilizar a programa MS

Word .Trabalho realizado entre setembro e novembro de 2014 na Escola Paulo da Gama , na cidade da Amora .

2. O que é a mitologia Egípcia

Considerada como a religião do Egito Antigo, o seu papel revelou-se fundamental para o desenvolvimento da cultura egípcia, ainda que não seja possível falar de uma verdadeira religião, enquanto sistema teológico unificado. A fé egípcia baseava-se numa diversidade de antigos mitos, no culto da natureza e na adoração de um sem número de divindades. Os mitos eram organizados de acordo com a sua importância e popularidade, segundo uma hierarquia divina, sendo o mito da Criação um dos mais importantes. A crença



egípcia conta que no início existia apenas o oceano, e Ré, o deus do Sol, tendo nascido de uma flor de lótus ou de um ovo, surgiu à superfície da água, trazendo consigo quatro crianças: os deuses Shu e Geb e as deusas Tefnut e Nut. Shu e Tefnut tornaram-se na atmosfera, pairando sobre Geb, que se tornou a terra e criou Nut, que se transformou no céu. Ré reinava acima de todos. Da união de Geb com Nut nasceram quatro crianças: dois filhos, Osíris e Seth, e duas filhas, Ísis e Néftis. Osíris sucedeu a Ré como rei da terra, com o apoio de sua irmã e esposa, Ísis. Seth, que odiava o seu

irmão, Osíris, matou-o e conquistou o poder sobre a terra. Ísis, tendo embalsamado o corpo do marido com a ajuda do deus Anúbis, ressuscitou Osíris, recorrendo à magia, que se tornou senhor do submundo. Hórus, filho de Ísis e Osíris, derrotou, mais tarde, Seth numa grande batalha e tornou-se senhor da terra. Partindo deste mito da criação, surgiu a concepção da Enéade, composta por um grupo de nove deuses, e da Tríade, composta por um pai divino, uma mãe e um filho. Todos os templos egípcios possuíam a sua Enéade e Tríade. Contudo, a Enéade mais conhecida era aquela composta por Ré, seus filhos e netos, que era adorada em Heliópolis, o centro do culto solar. A origem das divindades locais é obscura. Pensa-se que umas tenham sido adotadas e adaptadas de religiões estrangeiras e outras a herança das religiões da África pré-histórica, que gradualmente sofreram um processo de fusão e se transformaram numa estrutura religiosa complexa. Algumas destas divindades locais tornaram-se em deuses de culto nacional, como Ré. Para

além das divindades já referidas, os deuses Amon, Tot, Ptah, Khnum, Hapi, Hator, Mut, Neit e Sekhmet eram também relevantes. A sua importância teria aumentado com a ascendência política das suas cidades de origem. Em Mênfis a Enéade era liderada pela Tríade composta pelo pai Ptah, pela mãe Sekhmet e pelo filho Imhotep, que adquiriram uma grande importância no período das Dinastias Mênfitas, no Império Antigo. Do mesmo modo, quando as dinastias de Tebas governaram o Egito, a Enéade desta cidade tornou-se muito importante, sendo liderada pelo pai Amon, pela mãe Mut e pelo filho Khonsu. Durante a 5.^a Dinastia os faraós reclamaram a sua ascendência divina e foram, a partir de então, adorados como filhos de Ré, assistindo-se, progressivamente, a uma fusão entre os deuses ditos verdadeiros e seres humanos que haviam sido glorificados. Os deuses egípcios eram, geralmente, representados com corpo humano e cabeça humana ou animal. Por vezes, os animais estavam associados e expressavam características dos deuses. Ré, por exemplo, era representado com cabeça de falcão, sendo este animal sagrado pelo seu voo cortante. Hator, a deusa do amor e da alegria, era representada com a cabeça de uma vaca, Anúbis fazia-se representar com cabeça de chacal, Mut possuía cabeça de abutre e Ptah era representado com cabeça humana ou, por vezes, sob a forma de um boi, chamado Apis. Estes animais eram venerados, por estarem associados a determinados deuses, mas só foram adorados durante a 26.^a Dinastia. Alguns deuses eram representados por símbolos, como o disco solar ou as asas de falcão, que o faraó usava na sua coroa.

3. A Enéade de Heliópolis

Uma enéade era na mitologia egípcia um agrupamento de nove divindades, geralmente ligadas entre si por laços familiares. A palavra enéade é de origem grega; em egípcio usa-se a palavra Pesedjet.

Conhecem-se várias enéades, sendo a mais importante a da cidade de Heliópolis, cidade do Baixo Egito.

De acordo com o mito elaborado pelos sacerdotes da cidade, no princípio existia apenas as águas de Nun, das quais emergiu a colina primordial. Nesta colina encontrava-se um deus que se tinha gerado a si próprio, Atum. Através do sémen produzido pelo acto de masturbação do deus, nasceram outras divindades, Chu (o ar) e Tefnut (a humidade). Esta casal procriará e dele surgem Geb (a terra) e Nut (o céu). Estes últimos geram cinco filhos: Osíris, Ísis, Set, Hórus e Néftis.

Embora pareça estranho, nem todas as enéades egípcias eram constituídas por nove deuses. Por exemplo, a Enéade de Abido era composta por sete deuses e a de Tebas por quinze. A razão para tal encontra-se na perda do sentido etimológico inicial de Pesedjet como grupo de nove deuses; o conceito passou a ser um mero agrupamento de divindades.



Existiu igualmente uma "Pequena Enéade de Heliópolis" composta pelos deuses Tot, Anúbis, Maet e Khnum.

4. Ogdoáde de Hermópolis

Na cidade de Hermópolis (nome dado pelos gregos — que associavam um deus importante na cidade, Tot, ao seu Hermes — à cidade de Khemenu, cujo nome era derivado justamente de sua ogdoáde — em egípcio, Hemenu), capital do XV nomo do Alto Egito, dominava um panteão de oito deuses (“ogdoáde”) agrupados em quatro pares masculino-feminino. Sua origem variava: por vezes eram apresentados como os primeiros deuses que existiram; em outros casos eram filhos de Atum ou de Xu. Juntos, podem ser entendidos, de todo modo, aspectos do estado fundamental do Ser, aqueles que são o que sempre foram — daí a pouca diferenciação, além do gênero, entre as entidades de cada casal. Com efeito, os nomes das quatro deusas não passam das formas femininas das denominações masculinas, e vice-versa. Ou seja: cada par representa os aspectos masculino e feminino dos seguintes elementos primordiais, a partir dos quais tudo havia se originado:



- Nun e Naunet: as águas primordiais, o oceano infundo primordial, a cheia primeva do Nilo, o caos;
- Heh e Hehet: a eternidade e o espaço infinito (heh significa, em egípcio, “milhão”, e se refere indiscriminadamente ao incomensuravelmente grande tanto em termos de tempo quanto de espaço,

dimensões que, no domínio do sagrado, são indistintas);

– Kek e Kauket: as trevas (em egípcio, “o que havia antes da luz”, ou “o portador da luz”);

– Amon e Amaunet: o ar ou o vento em sua característica de invisibilidade, e, nesse sentido do invisível, o oculto.

A ogdóade de Hermópolis: as entidades masculinas com cabeça de rã e as femininas, de cobra.

A ogdóade de Hermópolis: as entidades masculinas com cabeça de sapo e as femininas, de cobra.

As entidades masculinas desse panteão eram representadas como homens com cabeça de sapo (símbolo, para os egípcios, de vida e fertilidade, já que milhões deles nasciam após cada cheia anual do Nilo) e as femininas, como mulheres com cabeça de serpente. A interação entre eles deu origem a uma nova entidade, que, ao se abrir, revelou em seu interior Rá, o disco flamejante do Sol, que, após um intervalo de repouso, criou, com os deuses elementares, todas as demais coisas do Mundo.

Há duas variantes acerca da entidade de onde irrompeu Rá. Na primeira, da interação dos deuses teria emergido das águas primordiais um monte de lodo sobre o qual uma ave celestial — um ganso (ave de Amon) cósmico, ou um íbis (ave associada a Tot), ou ainda um falcão (Hórus) — veio pôr um ovo, do qual nasceu Rá.

Na segunda versão, quando, mais tarde, Atum veio a ser assimilado a Rá como Atum-Rá, adotou-se a crença de que Atum surgira de um botão de lótus azul (uma das variantes da cosmogonia da enéade). O lótus teria emergido das águas em botão, após a interação dos quatro pares de deuses; ou das águas do oceano primordial emergira uma ilha, onde mais tarde seria construída Hermópolis, e nela havia um poço, no qual flutuava um lótus; as divindades masculinas ejacularam sobre ele e o fecundaram. A flor fechou-se durante a noite; quando se abriu, na manhã seguinte, revelou o deus-escaravelho, Khépri, o Sol Nascente, que se transformou em um menino que chorava — Nefertum, de cujas lágrimas se formariam as criaturas da Terra.

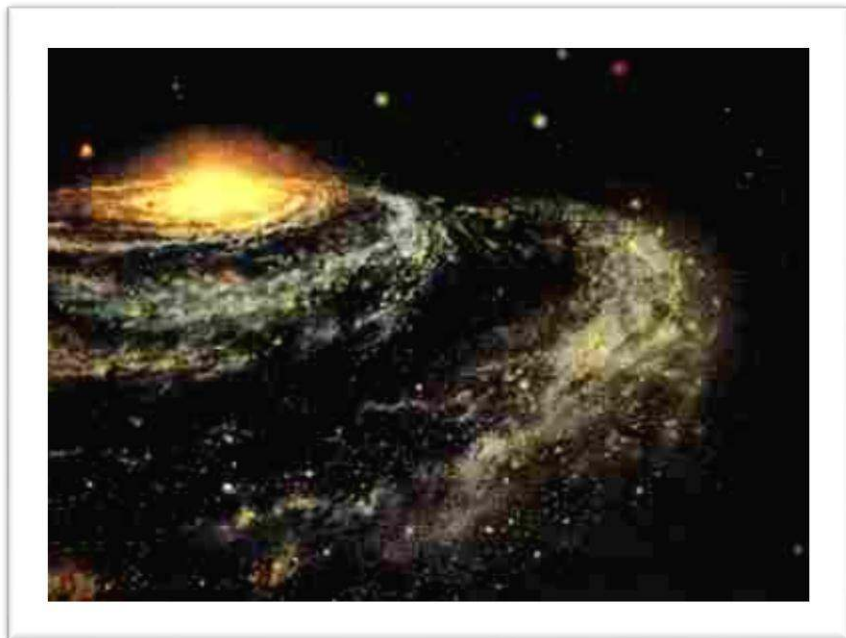
5. Neteru geradores

Shu é o deus egípcio do ar seco, do estado masculino, calor, luz e perfeição.

Uma lenda conta que Shu foi criado por Deus nas águas de Nu a partir da masturbação divina e a partir de seu vômito surgiu Tefnut, sua irmã gêmea e consorte. Outra versão diz que ambos nasceram após Atum ter se masturbado.

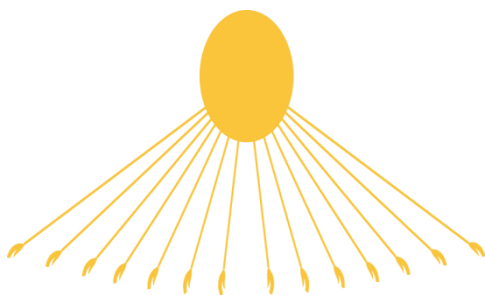
Juntos, Shu e Tefnut geraram Geb e Nut.

Shu é o responsável por separar o céu da terra (sendo representado como um homem tendo Geb, a terra, em seus pés, e levantando Nut, o céu, com os braços, numa representação que se assemelha ao Atlas da mitologia grega.



É ele também quem traz a vida com a luz do dia. É representado como um homem usando uma grande pluma de avestruz na cabeça. Criou também as estrelas pelas quais os seres humanos podem elevar-se e atingir os céus e as colocou na cidade de Gaaemynu.

Ele só se tornou popular a partir do Império Novo.



6. Neteru primordiais

Nun é o neter egípcio sem sexo que é o líquido cósmico que deu origem ao universo. É o ser subjectivo, quando se transforma no ser objectivo, torna-se primitiva do panteão de Heliópolis. Personificava o abismo líquido ou as águas primordiais, a partir do qual todo o mundo foi criado; é a divindade mais velha e sábia de todas. Era representado como um homem barbado, com uma pena na cabeça e portando um cajado. É uma divindade bissexual e à vezes masculino. Nun gerou Atun (o sol nascente) e Re ou Rá (o sol do meio dia).

7. Neteru da primeira geração

Ísis - deusa da maternidade e da fertilidade

A deusa Ísis é uma das principais divindades da mitologia egípcia, embora seu culto transcenda as fronteiras do Egito e se estenda por todo o universo grego-romano, chegando inclusive às terras nas quais actualmente se localiza a Alemanha. Sua veneração parece remontar a pouco tempo após 2500 a.C., à V dinastia egípcia.

Ísis Ela é a primogénita do deus da Terra, Geb, e da divindade que rege o Cosmos, Nut. Seu irmão Osíris se torna seu marido, com o qual ela concebe Hórus, deus do firmamento, inebriado de energia solar. O outro irmão, Seth, responsável pelos desertos, se transforma no principal inimigo do casal.



Seth invejava profundamente a sorte de Osíris, que tinha como missão governar a

terra, mais especificamente o Egito e assim teve a oportunidade de transmitir aos homens conhecimentos preciosos sobre agricultura e o trato com os animais. Segundo a mitologia egípcia, Osíris é traído por Seth, morto e esquartejado por esta divindade que é associada à essência do mal.

Ísis, desesperada, consegue reunir todos os membros do marido, com exceção do genital masculino, trocado por um órgão de ouro. Ela o ressuscita graças aos seus dotes mágicos e ao seu poder da cura. Logo depois eles concebem Hórus, que vai à desforra matando Seth.

Ísis é exactamente assim, zelosa com todos, sejam escravos ou nobres, pecadores ou santos, governantes ou governados, homens ou mulheres. Ela olha por todos com o mesmo empenho protector a mesma solicitude, exercitando assim sua natureza radicalmente maternal e fértil.

Por muito tempo esta deusa foi venerada como a representação maior da essência materna e da esposa perfeita, além de velar também pelo reino natural, portanto, por todas as dimensões da existência. Ela era vista igualmente como um símbolo do que há de mais singelo, dos que morrem e daqueles que nascem. Uma mitologia tardia atribui às cheias do Rio Nilo, que ocorriam uma vez por ano, as lágrimas derramadas por Ísis pela perda de seu amado.



Ano após ano a morte e a ressurreição de Osíris foram lembradas em diversos rituais; no Egito preserva-se uma festa denominada a Noite da Lágrima. Ela ocorre em Junho, portanto é conhecida como Festival Junino de Lelat-al-Nuktah.

Nesta tradição, mantida pelo povo árabe, revive-se o enlace de Geb e Nut, ou seja, da Terra e do Firmamento, e o surgimento de sua descendência, que inclui Ísis e Osíris, além de seus irmãos, que assim totalizam nove deuses, a famosa Enéada, que teve seu princípio com a Divindade criadora originária.

Juntos, Ísis e Osíris simbolizavam a realeza do Egito. Ela representava o trono no qual despontava o poder real do marido. O culto desta deusa foi de grande importância na Antiguidade, especialmente no Império Romano, no qual ela obteve muitos discípulos. Hoje a arqueologia comprova este fato, e é possível encontrar vestígios de templos e monumentos piramidais em todas as partes de Roma.

Na Grécia este ritual atingiu antigos espaços sagrados em Delos, Delfos e



Elêusis, e se desenvolveu particularmente em Atenas. Seus discípulos se espalharam também pelos territórios gauleses, na Espanha, na Arábia Saudita, em Portugal, na Irlanda e na própria Grã-Bretanha.

Ísis, é a mais popular de todas as deusas egípcias, considerada a deusa da família, o modelo de esposa e mãe, invencível e protetora. Usa os poderes da magia para ajudar os necessitados. Ela criou o rio Nilo com as suas lágrimas. Conta a lenda que, após a morte de Osíris, ela transforma-se em um milhafre para chorá-lo, reúne os pedaços de seus despojos, se empenha em reanima-lo e dele concebe um filho, Horus. Ela defende com unhas e dentes seu rebento contra as agressões de seu tio Seth. Perfeita esposa e mãe ela é um dos pilares da coesão sócio religiosa egípcia. Usa na cabeça um assento com espaldar (trono) que é o hieróglifo de seu nome.

8. Outros neterus

9. Animais sagrados

10. Humanos deificados

11. Conceitos e elementos

Conclusão

Para pensar

Mitologia Egípcia

Tecnologia de informação e comunicação

Rui Rafael Dias Pedra

Nome do autor Amora , novembro de 2014